

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA



LEIVAS LOPES BORGES

**A PRESENÇA E O USO DO CINEMA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE
HISTÓRIA**

TERESINA – PI
2019

LEIVAS LOPES BORGES

**A PRESENÇA E O USO DO CINEMA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE
HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciatura Plena em História pela
Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Prof(a) Orientador(a):

TERESINA – PI

2019

LEIVAS LOPES BORGES

**A PRESENÇA E O USO DO CINEMA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE
HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura Plena
em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Orientador(a)

Examinador 1

Examinador 1

Apresentada em: ____/____/____

Nota: _____

A Deus que nos criou e foi criativo nesta tarefa.
Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e meu
deu coragem para questionar realidades e propor
sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela salvação e pela oportunidade de chegar até aqui. Ele é o Senhor de tudo e tem o controle de todas as coisas.

Agradeço também a minha família em especial meu pai Alvino, minha mãe Dilsa e meu irmão Naiguel por todo apoio e incentivo.

Agradeço também as minhas tias representadas no nome da tia Rosary.

Aos meus amigos em especial a Natália.

E por fim a minha princesinha, futura esposa “Dush”, “Bô”.

Há duas formas para viver a sua vida. Uma é acreditar que não existe milagre. A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre.

Albert Einstein

RESUMO

Atualmente, não se constitui uma novidade a afirmação de que o cinema possui, dentre tantas outras coisas, um grande potencial didático a ser explorado no ensino, no entanto, os filmes não são usados convenientemente em sala de aula. O artigo tem como objetivo, portanto, apresentar e discutir alguns procedimentos metodológicos de como usar o cinema no ensino de História. O presente trabalho foi realizado através de uma revisão integrativa que buscou responder a seguinte questão norteadora: Como tem se evidenciado a presença e o uso do cinema no ensino médio na disciplina de História? Teve como critérios de inclusão: ser original; ter sido publicado entre os anos de 2014 e 2019; responder ao problema de pesquisa e estar na língua portuguesa. Foram excluídos os trabalhos que não se enquadram nos objetivos deste estudo, artigos de revisão, cujos textos não estavam disponíveis na íntegra, e diante da preferência à pesquisa de campo para se alcançar o objetivo pretendido, artigos em duplicidade, além de cartas, editoriais, anais de Congressos e comentários. A busca por referências ocorreu nas seguintes bases de dados: 1- na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, 2 – no Google Acadêmico. Foi possível verificar através desse estudo que o uso do cinema em sala de aula contribui de forma efetiva para tornar as aulas de História mais construtivas e motivadores. Contudo, nem todas as escolas disponibilizam recursos necessários para inserir essa estratégia de ensino.

Palavras-chave: Cinema. História. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

Currently, there is no novelty the statement that cinema has, among many other things, a great didactic potential to be explored in teaching, however, films are not used conveniently in the classroom. The article aims, therefore, to present and discuss some methodological procedures of how to use cinema in history teaching. The present work was carried out through an integrative review that sought to answer the following guiding question: How has the presence and use of cinema in high school been evidenced in the discipline of History? It had as inclusion criteria: to be original; was published between 2014 and 2019; respond to the research problem and be in Portuguese. Studies that do not fit the objectives of this study, review articles, whose texts were not available in full, and given the preference to field research to achieve the intended objective, articles in duplicate, and letters, editorials, congressional analyses and comments. The search for references occurred in the following databases: 1- in the scientific electronic library online database - SciELO, 2 - in Google Scholar. It was possible to verify through this study that the use of cinema in the classroom contributes effectively to make history classes more constructive and motivating. However, not all schools provide resources necessary to enter this teaching strategy.

Keywords: Cinema. Story. Teaching. Learning

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. METODOLOGIA	11
2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão	12
2.2 Bases de dados	12
2.3 Procedimentos de Análise dos Dados	12
3. CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO	13
3.1 História do Cinema	13
3.2 Cinema no Brasil	16
3.3 A História e o Ensino: Uma Discussão	19
3.4 O Cinema e as aulas de História: Uma Discussão	25
4. A PRESENÇA E O USO DO CINEMA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA	28
4.1 Resultados	28
4.2 Discussão.....	30
4.2.1 Práticas Pedagógicas no Ensino de História.....	30
4.2.2 O cinema como suporte no Ensino de História	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

Os irmãos Lumière, criadores do cinema, acreditavam que o cinematógrafo não exerceria nenhum fascínio para o público, não teria futuro algum, serviria apenas para fins científicos (BERNADET, 1985). Ou seja, não tiveram o “faro artístico e nem comercial” que a sua invenção logo proporcionaria.

O cinema, hoje, faz parte das preocupações dos historiadores. Do sentido comercial ao interesse da pesquisa histórica, o cinema passou concomitantemente ao centro das discussões entre historiadores e educadores ao campo do ensino, visto como um instrumento de possibilidades didáticas variadas. Sobre esse fim didático teceremos algumas considerações. O artigo visa, portanto, a apresentar considerações acerca da aplicação do cinema no ensino de História, apontando alguns caminhos metodológicos que podem facilitar a prática docente.

Há uma distância considerável entre a prática da exibição cinematográfica e a realidade escolar brasileira. Escolas e professores, de modo geral, não estão suficientemente preparados para lidar com esse tipo de linguagem. Por parte do professor, por exemplo, predomina com muito vigor o ensino tradicional, baseado fundamentalmente em aulas expositivas e no livro didático como referencial para informar e não para discutir e construir o conhecimento histórico. Identificar os fatores que levam à não-utilização eficiente do cinema em sala de aula ou quando ele é utilizado, mesmo de modo inadequado, não é uma tarefa fácil.

Nesse sentido, apontamos dois problemas gerais que, provavelmente, provocam a sua prática pouco eficiente na sala de aula: um problema de ordem infra-estrutural e outro de formação de professores. Dados estatísticos da realidade educacional brasileira mostram números recentes, que refletem algumas dificuldades por que passam as escolas no tocante à infraestrutura tecnológica e à adequação física para setores específicos de trabalho, como as videotecas.

O presente trabalho foi realizado através de uma revisão integrativa que buscou responder a seguinte questão norteadora: Como tem se evidenciado a presença e o uso do cinema no ensino médio na disciplina de História?

Teve como critérios de inclusão: ser original; ter sido publicado entre os anos de 2014 e 2019; responder ao problema de pesquisa e estar na língua portuguesa. Foram excluídos os trabalhos que não se enquadram nos objetivos deste estudo, artigos de revisão, cujos textos não estavam disponíveis na íntegra, e diante da preferência à pesquisa de campo para se alcançar o objetivo pretendido, artigos em duplicidade, além de cartas, editoriais, anais de

Congressos e comentários. Cabe destacar que a busca por referências ocorreu nas seguintes bases de dados: na *Scientific Electronic Library Online* – SCIELO e no Google Acadêmico.

Nessa perspectiva, este estudo foi dividido em duas partes: na primeira, traçamos um breve histórico do cinema e foi analisada a exibição de filmes no cotidiano escolar. A segunda parte são apresentados alguns procedimentos metodológicos que nortearam esse estudo, e por fim foi evidenciado os resultados e discussões sobre o tema abordado.

Ensinar a partir do cinema significa provocar o olhar do sujeito, incentivar seus sentidos com a imagem em movimento; despertar o seu olhar crítico, de modo que ele possa perceber que aquilo que vê é uma representação de uma dada realidade social, construída ideologicamente por alguém que detém uma determinada visão de mundo.

Assim, compete à escola, mas especificamente ao professor, cumprir um papel importante na construção desse sujeito crítico cujo objetivo deve ser a sua preparação para lidar com as ideologias que estão subentendidas nas linguagens cinematográficas.

Vale ressaltar que não se deve encarar o cinema como o exclusivo instrumento metodológico à disposição do professor, mas como uma prática, que em conjunto com outras linguagens, poderá contribuir na promoção da reflexão e da dinamização do processo de ensino-aprendizagem na sala de aula.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através de uma revisão integrativa que é desenvolvida com base em materiais já elaborados, através especialmente de livros e artigos científicos e cujo objetivo é agrupar e resumir resultados de pesquisas sobre um demarcado assunto, de modo sistemático e ordenado, colaborando para que seja aprofundado o conhecimento acerca do tema pesquisado.

De acordo com Mendes et al.,(2008) a revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.

Trata-se de um estudo qualitativo, que de acordo com Minayo (2010) preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Também se configura como uma pesquisa de caráter exploratório, cujo objetivo é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado (GIL, 2017).

Para elaboração da presente revisão, foram utilizadas as seguintes etapas: formulação do problema de pesquisa; seleção dos artigos e estabelecimento dos critérios de inclusão; aquisição dos artigos que estabeleceram a amostra; ponderação dos artigos; explicação dos resultados e exposição da revisão integrativa.

Em relação à primeira etapa, elaborou-se a seguinte questão norteadora: Como tem se evidenciado a presença e o uso do cinema no ensino médio na disciplina de História? A segunda etapa consistiu na busca dos artigos que satisfaçam os critérios de inclusão, ou seja, ser original; ter sido publicado entre os anos de 2014 e 2019; responder à questão norteadora; e estar na língua portuguesa.

Foram excluídos os trabalhos que não se enquadram nos objetivos deste estudo, artigos de revisão, cujos textos não estavam disponíveis na íntegra, e diante da preferência à pesquisa de campo para se alcançar o objetivo pretendido, artigos em duplicidade, além de cartas, editoriais, anais de Congressos e comentários.

Na terceira etapa, foi realizada leitura breve dos títulos e resumos para posterior seleção dos artigos que atendessem aos critérios de inclusão adotados. Na quarta etapa, os artigos foram lidos de forma crítica e exaustivamente, sendo separados em três eixos

temáticos que convergiam pela similaridade dos seus resultados, são eles descritos no item resultados deste estudo.

A busca por referências ocorreu nas seguintes bases de dados: 1- na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, 2 – no Google Acadêmico.

2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão (Os critérios que serviram para incluir e excluir os artigos a serem analisados)

Os critérios de inclusão foram: ser original; ter sido publicado entre os anos de 2014 e 2019; responder à questão norteadora; e estar na língua portuguesa. Já os critérios de exclusão foram: os trabalhos que não se enquadram nos objetivos deste estudo, artigos de revisão, cujos textos não estavam disponíveis na íntegra, e diante da preferência à pesquisa de campo para se alcançar o objetivo pretendido, artigos em duplicidade, além de cartas, editoriais, anais de Congressos e comentários.

2.2 Bases de dados (As fontes de pesquisa)

A busca por referências ocorreu nas seguintes bases de dados: 1- na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* – SciELO e 2 – no Google Acadêmico.

2.3 Procedimentos de Análise dos Dados

Os artigos foram lidos de forma crítica e exaustivamente, sendo separados em três eixos temáticos que convergiam pela similaridade dos seus resultados.

3. CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO.

3.1 A HISTÓRIA DO CINEMA

Antes de começar a falar sobre a história do cinema, se faz necessário falar brevemente sobre a história da fotografia. A fotografia basicamente consiste em pegar uma imagem e fixa-la quimicamente em um papel ou uma chapa de metal. A primeira vez que isso foi feito foi em 1826 pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, porém na época não existiam filmes fotográficos prontos, então toda vez que alguém quisesse fazer uma fotografia, era preciso realizar uma série de processos químicos para conseguir fixar essa imagem. Quem facilitou muito esse processo, foi o norte-americano George Eastman, fundador da Kodak. Ele teve a ideia de fazer um rolo de filme fotográfico e ajudou a popularizar a fotografia.

Em 1890, o inventor Thomas Edison, responsável pela invenção da lâmpada elétrica e fonógrafo, descobriu que se você passasse várias imagens estáticas de maneira bem rápida, daria impressão de movimento. Ele também foi um dos primeiros a entender que para a magia do cinema, a luz era muito mais importante que o próprio maquinário utilizado. Thomas Edison criou pequenas caixas escuras, onde se podia girar uma manivela e a pessoa podia assistir a um curta-metragem, mas somente em escala bem pequena. Foi feito até uma homenagem a Thomas pelos seus feitos, no filme *Oz: mágico e poderoso*.

Em 1895 os irmãos franceses Louis e Auguste Lumiere através de um mecanismo de uma máquina de costura, fizeram o primeiro projetor de cinema. Com o projetor, várias pessoas poderiam assistir ao filme ao mesmo tempo, bem diferente do cinematógrafo de Thomas Edison onde só uma pessoa por vez podia assistir. Nesse mesmo ano, o pai dos irmãos Lumiere, Antoine, organizou uma exibição pública paga de filmes no dia 28 de dezembro no salão do Grand Café de Paris. Foi um sucesso. Este dia, data da primeira projeção pública paga, é comumente conhecida como o nascimento do cinema mesmo que os irmãos Lumiere não tenham reivindicado para si a invenção de tal feito. A primeira sala de cinema onde foi feita essa exibição pública de imagens em movimento chama-se Eden e existe até hoje.

Um dos seus filmes mais conhecidos é “O Trem chegando na estação”, onde várias pessoas vendo aquela cena, acharam que era realidade, pois não estavam acostumados com aquele tipo de arte, então elas correram achando que iriam ser atropeladas.

Descrevendo esse primeiro momento do cinema, Mascarello diz que:

Em geral a câmera ficava estática, de modo a mostrar o corpo inteiro de todo um conjunto de pessoas, realizando panorâmicas apenas para reenquadrar certas ações movimentadas. Quando dentro de estúdios, a câmera se localizava no que seria o lugar de um espectador de teatro, daí a crítica de muitos historiadores de que os primeiros filmes eram demasiadamente teatrais (MASCARELLO, 2006, p. 29).

O cinema estava praticamente inventado, porém os filmes não contavam histórias como atualmente, os irmãos Lumiere não conseguiam enxergar o cinema como uma forma de arte, como destaca Bernadet:

Até aproximadamente 1915, os filmes eram bem mais curtos e no fim do século nem contavam estórias. Eram o que hoje chamamos de documentário, na época eram “vistas ou, no Brasil, Filmes “naturais”. Houve uma grande fome de “vistas” e os “caçadores de imagens” se soltaram pelo mundo. Consta que já em 1896, Lumière formou várias dezenas de fotógrafos cinematográficos, equipou-os e mandou-os a vários países europeus. Sua tarefa consistia tanto em tomar novas vistas como em exhibir vistas que eles traziam de Paris. Nesse ano de 1896, aparece o filme *Coroação do Czar Nicolau II*, filmado em Moscou e considerado o pai da reportagem cinematográfica (BERNADET, 2006, p. 31-32)

Quem viu potencial no cinema como arte foi o ilusionista George Melies, que estava na primeira exibição do filme os irmãos Lumiere.

George foi uma grande personagem na história do cinema. Ele passou a usar filmes para contar histórias e não somente ficar passando imagens aleatórias como os irmãos Lumiere. Ele também praticamente inventou os efeitos especiais, onde inseria vários truques de mágica nos seus filmes para criar elementos fantásticos na história. Seu filme mais conhecido é “Viagem para Lua”, uma adaptação do conto de Julio Verne. George é homenageado no filme “a invenção de Hugo Cabret” de Martin Scorsese.

Até então no cinema só existia um tipo de gravação, que parecia com o teatro, de um plano só. Não existia closes ou enquadramentos diferentes. Quem inventou o close foi o diretor de cinema George Albert Smith. Um outro diretor que ajudou na criação dessas técnicas, diferenciando mais ainda o cinema do teatro, foi David W. Griffith, onde ele inseriu várias dessas técnicas nos seus filmes. Seus filmes mais conhecidos são “O nascimento de uma nação” de 1915 e “Intolerância” de 1916. Esses filmes marcam o fim do cinema primitivo e o início da maturidade linguística e a manipulação das cenas passou a valer não só para a ficção, mas para documentários também.

“O nascimento de uma nação” era um filme totalmente preconceituoso, pois tratava os membros da Ku Klux Klan como heróis e os negros como vilões. Após a exibição desse

filme, essa organização que já estava praticamente dissipada, obteve um aumento de 4 milhões de adeptos na década de 20. Ou seja, o cinema possuía um poder de propagação de ideologias por mais ruins que elas fossem.

Porém havia quem usasse o cinema para expandir a cabeça das pessoas. Charles Chaplin nasceu na Inglaterra em 1889, porém foi nos Estados Unidos que ele ganhou status de lenda. Com seus personagens irreverentes, ele chamou a atenção de um estúdio de cinema norte-americano chamado Keyston, tornando-se assim a grande estrela do estúdio. Seu personagem mais conhecido é o “vagabundo”, conhecido no Brasil como “Carlitos”.

Vimos até aqui que o cinema passou por alguns processos e transformações no decorrer do tempo, onde inicialmente não foi criado com propósito de contar histórias e sim simplesmente com a função de entreter através de imagens aleatórias. Com as ideias amadurecendo, o cinema passa a ser utilizado com mais objetivo, ou seja, a função de entreter ainda permanece, porém o conteúdo não contém somente coisas aleatórias e sim histórias que retratam a realidade, desenvolvendo assim uma linguagem cinematográfica mais rebuscada. Durante esse processo o cinema passou por várias fases, assim como Vanguarda, Cinema contemporâneo e Cinema moderno, fases que não serão tratadas na pesquisa, porque o enfoque proposto até o momento é entender de uma forma simples como o Cinema surgiu e sua relação como registro da História, para assim relacionarmos o seu uso como ferramenta de ensino em sala de aula.

Como registro da História o surgimento do cinema é importante como algo a se utilizar para reprodução histórica, até porque a sua criação como forma de reprodução de imagens da realidade pressupõe isso, porém não foi rápida a aceitação do Cinema como fonte histórica e somente com Marc Ferro e seu artigo “O filme uma contra-análise da sociedade?” é que o assunto entrou e começou a ser discutido nas academias. A proposta de Ferro era que se olhasse para dentro do conteúdo do filme, considerando ideologias e bases que sustentam um filme, analisando realidade e ficção através dessas bases e assim permitindo-se, através do cruzamento com outras fontes históricas desvendar o conteúdo latente, a área de realidade não perceptível proposto pelos realizadores do filme.

A questão do uso de filmes como fonte histórica e como conteúdo proposto será visto mais a frente no decorrer da pesquisa, agora se faz necessário entender a inserção do Cinema no Brasil, assunto que será tratado no seguinte subtópico.

3.2 CINEMA NO BRASIL

Em 1930 surgiram as primeiras empresas cinematográficas no Brasil, um processo mais lento do que aconteceu nos Estados Unidos e Europa. As produções cinematográficas que mais se destacaram no cinema em território brasileiro, foram as chanchadas, o cinema novo e as pornô chanchadas.

Considerando a demora para se desenvolver, foi em um local improvisado que aconteceu a primeira exibição de cinema no Brasil. Em julho de 1896, onde atualmente funciona o Teatro Glauber Rocha, na cidade do Rio de Janeiro, realizou-se a transmissão imagética no Cinematógrafo Parisiense, que pertenciam aos proprietários Pascoal Segreto e José Roberto Cunha Salles. O primeiro cinema foi inaugurado somente alguns anos mais tarde, em 1909 como Cine Soberano, conhecido como Cine Íris, localizado no Rio de Janeiro (MASCARENHAS, 2010, s/p).

As imagens iniciais realizadas no Brasil foram feitas por dois imigrantes italianos, os irmãos Segreto. A bordo de um navio francês chamado Brêsil, eles filmaram tanto a visita do Presidente da Republica Benjamin Constant, como também fizeram registros da Baía de Guanabara. Pascoal, um dos irmãos Segreto citado no parágrafo anterior, popularizou-se através de suas filmagens, sendo chamado até de “Ministro das diversões do Rio de Janeiro” e seu irmão também tinha várias participações juntamente com Pascoal, registrando os acontecimentos festivos e da seara política da cidade do Rio de Janeiro (MASCARENHAS, 2010, s/p).

Em São Paulo aconteciam também alguns movimentos voltados para o cenário fílmico entre os anos de 1898 e 1904, tanto que em 1900 foi aberta a primeira sala de cinema em São Paulo, pelo italiano Vitor di Maio e Segundo Mascarenhas:

Em 13 de fevereiro de 1898, José Roberto de Cunha Sales (Médico e ex. sócio de Pascoal Segreto) realiza uma das primeiras exibições do cinematógrafo em São Paulo. A primeira filmagem em terras paulistas, entretanto, foi feita por Afonso Segreto em 20 de Setembro de 1899 em uma celebração da colônia de imigrantes italianos.

Depois destas filmagens, têm-se notícias de novas tomadas em São Paulo somente em 14 de Janeiro de 1904, com vistas de fazendas de café, terreiros, gado e outros aspectos do interior do Estado.

O cinema se espalha por outras partes do Brasil, além do eixo Rio-São Paulo (MASCARENHAS, 2010, s/p).

Devido ao grande crescimento e expansão do cinema na cidade do Rio de Janeiro e consequentemente sua popularização, vários empresários dos Estados Unidos visitam o Rio

com a intenção de analisar o mercado. Com as consequências da Primeira Grande Guerra Mundial, as produções europeias se enfraquecem devido a paralisia de fornecimento de matéria-prima, interrompendo assim a produção cinematográfica. Aqui entendemos como os Estados Unidos da América conseguiram chegar ao topo e domínio do mercado mundial do cinema. Esses acontecimentos tiveram impactos nas exibições realizadas no Brasil no que diz respeito a preferência por produções cinematográficas.

Os exibidores que até então apoiavam a produção cinematográfica nacional passaram a preferir a locação de filmes estrangeiros (norte-americanos e europeus). Como exemplo pode-se citar o cineasta Francisco Serrador, que em 1911 comprou várias salas de exibição por todo o território nacional e enfraqueceu mais ainda o cinema nacional com sua política de exibição de filmes estrangeiros. Apenas sessenta filmes foram realizados no país entre 1912 e 1922, sendo que esses ainda eram de cunho documentarista (MASCARENHAS, 2010, s/p).

Apesar das dificuldades das produções nacionais serem realizadas, o primeiro longa-metragem é produzido no Brasil em 1914, O Crime dos Banhados, do português Francisco Santos, com mais de duas horas de duração. Anos mais tarde, em 1917 surge a primeira animação brasileira, o Kaiser, do desenhista Álvaro “Seth” Martins, filme que foi lançado em 22 de Janeiro do mesmo ano, sendo esse um marco histórico, que funciona como ponto de partida do cinema de animação no Brasil (MASCARENHAS, 2010, s/p)

As primeiras publicações especializadas em cobrir produções hollywoodianas surgiram no Brasil em 1920, eram elas a Para Todos, a Selecta e a Cinearte e como os filmes brasileiros encontravam dificuldade de exibição, devido as consequências da Primeira Guerra e propagação de filmes estrangeiros, surgiram revistas especializadas em cinema que propagaram o fascínio e os astros e estrelas das produções de Hollywood. A inserção de filmes não nacionais era tão grande que em 1920 o Brasil se apresentava como o quarto maior importador de filmes norte-americanos do mundo.

Como visto acima, o cinema brasileiro tinha dificuldades de expansão e somente a partir de 1923 é que o mesmo vive sua expansão. Esse período que vai até 1933 é o momento no qual são produzidos 120 novos títulos, nos chamados ciclos regionais do cinema e é em Minas Gerais a maior percepção dessa expansão, sendo que a produção de filmes nessa cidade se dá a partir da iniciativa de imigrantes e produtores independentes. Na Amazônia, também, o português Silvino Santos realiza filmagens documentais, sendo também realizadas produções cinematográficas nas cidades de Campinas, Recife e no Estado do Rio Grande do Sul (MASCARENHAS, 2010, s/p).

A produção cinematográfica do país no final do ano de 1930, estava concentrada no Rio de Janeiro e em São Paulo, ou seja, nos maiores centros de desenvolvimento, com chances reais e palpáveis de propagação do que se queria produzir, tanto que em 1940, nasce no Rio de Janeiro a produtora Atlântida Cinematográfica, que mantinha uma produção assídua, apesar dos obstáculos enfrentados no que se refere a investimentos em infraestrutura. A Atlântida se propõe a produção de filmes voltados para a cultura típica brasileira, segundo Mascarenhas:

Em seguida, a Atlântida passa a produzir comédias musicais de fácil comunicação com o público, tendo como tema principal o carnaval, como “Este mundo é um pandeiro” (1947) e “Carnaval com fogo” (1949), ambos de Watson Macedo. O apelo popular dos filmes da Atlântida acaba influenciando a Cinédia, que realiza a melodrama “O Ébrio” (1946), de Gilda Abreu, com Vicente Celestino, grande bilheteria em todo país. (MASCARENHAS, 2010, s/p).

Vemos Meirelles destacando sobre essa tendência de produção cultural nacional também:

Os atos mais simples da vida quotidiana, objetos mais triviais que constituem o meio circundante de todos os dias, as situações mais banais, tudo isso se encontra, sob o olho da câmara, seus aspectos matizados e luxuriantes, fato importante que explica a fascinação que um filme exerce sobre o espectador (MAFFESOLI apud MEIRELLES, 1997, p. 120)

Em 1950 foi inaugurada a TV Tupi, a pioneira das emissoras no Brasil, resultado dos investimentos no cinema nacional, da modernização e aprimoramento das produções proposto pelos produtores brasileiros, ou seja, seus olhares estavam voltados para o que estava funcionando e o que estava funcionando era o cinema voltado para as vivências e costumes do próprio país, tanto que em 1949 foi criada a Vera Cruz, estúdio nos moldes do cinema americano, representando um marco na industrialização da cinematografia nacional.

Aos poucos a tendência cinematográfica começou a mudar, foi deixando de lado o tema sobre carnaval e passou a investir em temas folclóricos do Rio de Janeiro, o que não deixava de ser um registro do dia a dia dos brasileiros e assim, filmes de baixo orçamento começaram a se tornar atrativos aos produtores brasileiros, filmes com temática popular e que buscavam um realidade típica brasileira, esse movimento ficou conhecido como a primeira fase do Cinema Novo.

No desenrolar da década de 1960, tem início a segunda e terceira fases do Cinema Novo, aquela marcada pelo advento histórico do golpe militar de 31 de março de 1964 e a última marcada pelas prisões, perseguições e torturas desencadeadas do Ato institucional nº 5 de 1968. Diante disso foi criada pelo governo militar uma empresa para controlar as produções de cinema em São Paulo chamada Embrafilme, porém como o Cinema Novo realizava filmes a qualquer custo, isso não foi grande impedimento.

Saindo da década de 1960 e entrando na de 1970 e 1980, em termos de conteúdo essas décadas representam um período de crise para a indústria de filmes no Brasil. Em 1980 tem fim o governo militar e conseqüentemente não se tinha mais o apoio da Embrafilme, ou seja, os filmes de consumo fácil, de temas simplórios e de apelo sexual ganham espaço. A qualidade é jogada para escanteio e filmes e cineastas sem reconhecimento algum começam a aparecer e produzir em larga escala.

Na década de 1990 figuram a variedade e multiplicidade dos temas e enfoques relacionados ao Brasil, momento pelo qual:

O filme passa ser um produto rentável e a “indústria cinematográfica” ganha impulso em busca de grandes bilheterias e altos lucros. Neste sentido, as produções brasileiras procuram atender públicos diversos. Comédias, dramas, política e filmes de caráter policial são produzidos em território nacional. Com políticas de incentivo e empresas patrocinadoras, o Brasil começa a produzir filmes que mobilizam grande número de espectadores. Este cenário está presente até os dias de hoje, demonstrando o grande avanço da indústria cinematográfica brasileira (HISTÓRIA, s/d, s/p).

Os anos 2000 é marcado pela incrível marca de público que ultrapassava dez milhões, alcançado pelo filme Tropa de Elite 2 de José Padilha, sendo o filme com a maior bilheteria nacional, demonstrando um sinal de efervescência da produção cinematográfica brasileiro.

Tendo em vista toda essa análise histórica do cinema nacional, é perceptível que o cinema é cada vez mais consolidado como um forma de acesso ao entretenimento, forma que bem utilizada, pode-se considerar até propensa o seu uso no estudo acadêmico da história, servindo assim de contexto em suas diversas fases. Nos próximos tópicos entenderemos mais sobre ensino de história e contribuição do cinema com uma ferramenta nesse ensino.

3.3 A HISTÓRIA E O ENSINO: UMA DISCUSSÃO

Os conhecimentos que são apropriados pelos alunos nas aulas de história e, mais do que isso, o tipo de raciocínio que desenvolvem têm importante participação na formação da

consciência histórica. No entanto, é preciso ter claro que o ensino de história não se confunde com a produção acadêmica. Os conteúdos ensinados em sala de aula não podem ser apenas simplificados dos textos produzidos por especialistas, bem como o aluno não deve ser tomado como um historiador-aprendiz. Se o conhecimento histórico é a referência indispensável ao ensino de história, o trabalho do professor deve estar pautado por objetivos bastante específicos.

Assim, em sala de aula, o professor deve ter a preocupação de levar o aluno a compreender como se dá a construção do conhecimento histórico a fim de que ele entenda que esse campo do conhecimento é dinâmico, sujeito a mudanças e admite diferentes perspectivas de análise. Aluno deve entender também que a própria produção historiográfica está inserida na história e que as questões que os historiadores de cada época propuseram estavam relacionadas aos problemas e particularidades de seu tempo.

Além disso, é importante que o aluno seja estimulado a identificar outras fontes com as quais toma contato com conhecimento histórico, por exemplo: gravuras, livros de literatura, letras de música, filmes etc. E analisa-las com uma visão crítica, percebendo de que maneira essas fontes participam da formação da consciência histórica dos sujeitos. Nesse sentido, o ensino de história não deve desprezar as fontes de informação histórica que não sejam as produzidas no meio acadêmico, mas deve, ao contrário, trazê-las para a sala de aula e problematizá-las.

Todavia, se o ensino de história não deve ser a mera transposição de conteúdo acadêmico para a escola, também é preciso tomar cuidado para que não se caia em teorias e lugares comuns, que quase sempre se desdobram em simplificações e que reduzem as coisas de maneira indesejável, fazendo com que o reducionismo opere de maneira frequente. Um dos mais difundidos entre eles talvez seja a afirmação de que estudamos o passado para compreender melhor o presente, uma frase que é repetida à exaustão sem que se discuta precisamente seu significado.

Sem dúvida tudo o que vivemos hoje é resultado de decisões tomadas por aqueles que nos precederam e pela interação de um conjunto de fatores variados e específicos. Porém, devemos evitar a ideia de que o passado comanda o presente, como se não pudéssemos fazer escolhas e definir o rumo de nossas vidas. Em outras palavras, se o estudo do passado nos permite avaliar as possibilidades que se abriram aos nossos antepassados, bem como as escolhas que eles fizeram em seu tempo, nem por isso legitima nosso presente e nos predispõe a aceitá-lo como destino. Pelo contrário, o estudo do passado deve nos mostrar as várias faces do nosso presente e nos ensinar a olhar para todas as direções possíveis, lembrando sempre

que tudo se desconstrói para ser construído novamente. Como diz Jean Chesneaux¹, “se o passado conta, é pelo que significa para nós. [...] Ele nos ajuda a compreender melhor a sociedade na qual vivemos hoje, saber o que defender e preservar, saber também o que mudar e destruir”.

Isso não significa todavia, que possamos transportar de forma inocente os valores e a visão de mundo de nosso presente para o passado, caindo em imperdoáveis anacronismos. Também não quer dizer que estejamos autorizados a distorcer o passado, colocando-o a serviços de nossos projetos. O esforço deve ser o de compreender as várias faces de realidades que vieram antes da nossa, buscar entender os dilemas experimentados por homens e mulheres que viveram antes de nós e os diferentes projetos que constituíram para seu futuro e ainda analisar os efeitos das decisões que tomaram para, hoje, olharmos para as nossas próprias decisões.

Essa concepção de história elimina a noção de que as respostas para as questões que nos fazemos no presente possam ser extraídas do passado, mas as respostas não se encontram lá. De acordo com as experiências acadêmicas que obtive, o que o ensino de história deve mostrar é que o passado, de uma forma mais dinâmica e reflexiva aos alunos, nos oferece um parâmetro para nossas decisões e escolhas, são conhecimentos que nos servem para posicionamentos políticos que tomamos, como afirma Circe Bittencourt²:

A contribuição da História tem-se dado na formação da cidadania, associada mais explicitamente à do cidadão político. Nesse sentido é que se encontra, em inúmera propostas curriculares, a afirmação de que a história deve contribuir para a formação do “cidadão crítico”, termo vago, mas indicativo da importância política da disciplina. (BITTENCOURT, 2008, p. 121)

Ou seja, são elementos que nos permitem relativizar várias coisas, nos faz refletir sobre preconceitos aos quais nos apegamos, nos transformando até em pessoas mais tolerantes

¹ É um historiador especializado na Ásia Oriental, incluindo o Vietnã e China – onde ficou, pela primeira vez em 1948 – e ativista político e da comunidade. Foi professor na Paris Diderot Universidade e na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais.

² Possui graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1967), pós-graduação em Metodologia e Teoria de História pela faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1969), mestrado em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1988) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professor pós-graduação da Faculdade de Educação USP e da Pontifícia Universidade Católica- SP. Tem experiência na área de história das disciplinas e currículos escolares e educação indígena. Desenvolve pesquisas atualmente sobre a história dos livros didáticos, mantendo a organização do banco de dados LIVRES referente aos livros didáticos brasileiros de 1810 a 2007, sobre ensino de história e história da educação, em especial história da educação indígena.

e compreensivas com àqueles que são diferente de nós, ou seja, nos fazendo colocar no lugar do outro, olhar pela perspectiva dele e evitar julgamentos, como afirma Tzvetan Todorov³.

Outro cuidado que se deve ter no ensino de história é o de não reduzir a análise histórica a modelos que não variam, que criem no aluno a impressão de que todos os acontecimentos históricos cumprem um mesmo caminho e levam sempre aos mesmos resultados, levando-o a pensar que a história está sempre se repetindo. Trabalhar a historicidade de cada momento, considerando suas especificidades, é fundamental para que o aluno perceba as transformações históricas como resultado da combinação de vários e antagonísticos elementos, sujeitos e fatos, característicos de cada época.

A pergunta que deve latejar na cabeça de todo professor, principalmente o de História é o porquê de ensinar essa disciplina, por que ensinamos história? O que queremos ampliar na mente dos alunos? Nossas intenções certamente vão muito além de simplesmente fazê-los memorizar várias informações e fatos. Deve-se buscar, acima de tudo, formar pessoas que ajam no mundo de maneira a transformá-lo em um lugar melhor para todos, fazendo com que entendam e constituam suas identidades, amadureçam politicamente, criando assim uma formação intelectual como afirma a historiadora Circe Bittencourt:

A formação intelectual pelo ensino da disciplina ocorre por intermédio de um compromisso de criação de instrumentos cognitivos para o desenvolvimento de um “pensamento crítico” o qual se constitui pelo desenvolvimento da capacidade de observar e descrever, estabelecer relações entre presente-passado-presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado. (BITTENCOURT, 2008, p. 122)

Maria Circe Bittencourt diz que a História contribui para a formação da cidadania e realmente o ensino de história tem esse papel decisivo, na medida em que, com outras disciplinas, participa da tarefa de formar intelectualmente o aluno, capacitando-o a investigar, interpretar, processar informações e construir conhecimentos, ao mesmo tempo que cria condições para que ele seja capaz de localizar-se em seu mundo, identificando as condições que produziram sua realidade e decidindo modifica-la.

O ensino de história precisa ser planejado de maneira a evitar que o aluno fique com a impressão de que os acontecimentos do passado podem ser compreendidos de um único modo. No lugar disso, o estudante precisa perceber que o conhecimento histórico é dinâmico

³ Filósofo, linguista, sociólogo e crítico, Todorov nasceu em Sófia, na Bulgária, em 1939, tendo uma longa obra sobre política e linguagem, vários títulos da qual foram publicados em Portugal por diversas editoras, desde a Assírio & Alvim à Teorema.

e está permanentemente sendo revisitado reconstruído à medida que novas evidências se colocam à disposição da pesquisa, que conduzem a caminhos de interpretação antes ignorados ou insuficientemente explorados. Em outras palavras, é necessário mostrar ao aluno que a história não busca desvendar a verdade sobre nosso passado, mas sim aprender aspectos da experiência vivida por nosso antepassados, estando sempre aberta ao questionamento e à revisão. Como nos lembra Chesneaux:

[...] os fatos históricos são cognoscíveis cientificamente, mas essa exigência deve levar em conta seus caracteres específicos. Por um lado, os fatos históricos são contraditórios como o próprio decorrer da história; eles são percebidos diferentemente (porque diferentemente ocultados) segundo o tempo, o lugar, a classe, a ideologia. Por outro lado, escapavam à experimentação direta por sua natureza passada; são suscetíveis apenas de aproximações progressivas, sempre mais próximas do real, nunca acabadas nem completas. (CHESNEAUX, 1995, p. 67)

Para que os alunos compreendam o caráter dinâmico e plural do conhecimento histórico, é importante oferecer a eles diferentes interpretações de um mesmo acontecimento, bem como estudos que abordem aspectos distintos de uma mesma realidade. O livro didático, em várias situações, apresenta interpretações diferentes de um mesmo acontecimento, porém o mesmo ainda apresenta limites, fazendo-se necessário o uso de fontes alternativas.

É importante que, no decorrer de sua formação escolar, o aluno entenda que as fontes não são um espelho da realidade de seu tempo, mas sim uma representação dela, e que sua compreensão e análise passam, também, por interpretações. Infelizmente isso só é exposto dessa forma na academia, nas escolas há a crença na objetividade absoluta do conhecimento histórico. O ensino de história deve oferecer ao aluno, também, a percepção de que a história combina diferentes temporalidades e que as transformações que ocorrem, por exemplo, na vida política podem não ser acompanhadas por mudanças nas estruturas econômicas ou na forma de pensar. Para que o aluno veja a si mesmo como sujeito da história e reconheça sua capacidade de intervir e modificar a realidade à sua volta, é importante que ele estude, além de figuras importantes e consagradas na história e memória coletiva, que ele estude também personagens da micro história, ou seja, personagens comuns, com os quais ele possa se identificar. A história assim faz até mais sentido e fica mais palpável.

Como já foi dito, o aluno deve entender o que são fontes e é muito tentador o professor utilizá-las apenas como elemento de ilustração das explicações dadas em sala, especialmente quando se trata de fontes imagéticas. Contudo, ao fazer isso, o professor perde a oportunidade

de trabalhar com os alunos a construção do saber histórico, fundamental para o desenvolvimento do olhar analítico.

Na sala de aula, o trabalho com documentos envolve constantemente essas questões, já que uma fonte não pode ser tratada como portadora fiel de uma verdade histórica, pelo menos é pra ser assim nos dias atuais. Portanto, na análise de uma fonte deve estar presente a preocupação com as condições da sua produção, isto é “as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada”, como destaca o historiador Eduardo França Paiva.⁴

Paiva também destaca a importância de nos perguntarmos quais as lacunas, os vazios e os silêncios que permeiam a construção de um material que servirá como fonte histórica e ainda como essa fonte foi apropriada ao longo do tempo, de acordo com o contexto em que seus usuários a observaram. E enfatiza ainda:

Ora, sem aplicar esses procedimentos às fontes e, evidentemente, às fontes iconográficas, os historiadores e professores de história transformam-na em reles figurinhas e ilustrações de fim de texto e, pior, emprestam-lhes um estatuto equivocado e prejudicial ao conhecimento histórico. Refiro-me ao estatuto da prova e de verdades irrefutáveis, tudo apresentado a partir de uma falsa autoridade tomada a uma história que assim permitisse. [...] A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas. Cabe a nós decodificar os ícones, torna-los inteligíveis a mais que pudemos, identificar seus filtros e, enfim, toma-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente, ela também, plena de filtros contemporâneos, de vazios e de intencionalidades.

Como dito acima, é muito tentador para o professor de História tratar principalmente as fontes imagéticas como uma mera ilustração do conteúdo proposto, porém o mesmo deve ir mais além, fazendo com que o aluno saiba trabalhar com a mídia, educando seu olhar para essa área que é intrínseca na vida de cada aluno e de forma cada vez mais intensa. O professor e agora falando de uma forma mais específica ao relacionado a disciplina de História não deve ter receios em estabelecer um relacionamento benéfico entre o aluno, a mídia e o espaço da sala de aula, buscando através da televisão, da internet, da música, dos filmes, fazer com que o aluno seja capaz de entender o que passa diante dos seus olhos através da mídia, tornando-o menos favorável a acreditar e tomar toda informação midiática como verdade absoluta, ou

⁴ Doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador associado ao Centre des Recherches sur les Mondes Américains, École des Hautes Études em Sciences Sociales – Paris.

seja, fazer com que o aluno saiba filtrar informações de um jornal, de um filme, até analisar a produção cinematográfica do mesmo.

A educação e o professor no seu papel de educador, devem ter como seu principal objetivo o desenvolvimento do aluno de forma geral e relacionado ao professor de História, o desenvolvimento crítico do aluno. Para isso o professor e a educação precisam estarem abertos as mudanças a sua volta, como o crescimento tecnológico e sua influência no dia a dia do aluno, não abrindo mão assim de se modificarem constantemente de acordo com essas mudanças. O grande desafio dos professores é estimular o envolvimento da mídia, dentro dos objetivos escolares, no ambiente escolar, fazendo com que os alunos desenvolvam valores e atitudes que contribuam e construam uma reflexão que agregue bons resultados ao entendimento dos mesmos. É interessante perceber que os filmes trazem essa carga de valores, valores culturais, sociais e ideológicos de sociedades de diversas épocas, podendo ser assim uma ferramenta de estímulo aos alunos a conhecerem as culturas em geral.

Qualquer filme pode ser utilizado como documento para estudo e construção de conhecimento histórico, considerando é claro que as imagens não traduzem o que realmente se passou, porém o filme ajuda a ampliar as formas de percepções de apresentação da realidade

3.4 O CINEMA E AS AULAS DE HISTÓRIA

O cinema vem se tornando, cada vez mais, uma fonte de conhecimentos para todos os conteúdos escolares. Cada vez mais a cultura de imagens e sons vem crescendo, bilheterias de filmes acabam em um instante, todos querem assistir aos lançamentos de filmes e de qualquer coisa imagética. O youtube nunca esteve tão em alta como está hoje, ou seja, muitos querem ver e ouvir algo de interessante, principalmente os jovens e alunos. E essa cultura de sons e imagens está presente nas escolas. Praticamente todas as escolas hoje em dia possuem uma TV, um Datashow, um notebook. Na disciplina de história, principalmente, o cinema tem se destacado com uma ferramenta de trabalho de ampla utilização pelos professores. Na aplicabilidade do Cinema como ferramenta a ser usada no ensino de História, é interessante a visão teórica de Piaget⁵:

⁵ Jean William Fritz Piaget (Neuchâtel, 9 de agosto de 1896 - Genebra, 16 de setembro de 1980) foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

É óbvio que o professor enquanto organizador permanece indispensável no sentido de criar as situações e de arquitetar os projetos iniciais que introduzam os problemas significativos ao aluno. Em segundo lugar, ele é necessário para proporcionar contraexemplos que forcem a reflexão e a reconsideração das soluções rápidas. O que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa. (1973. p. 16).

O uso de filmes como estratégia de ensino estimula os alunos e proporciona aulas mais interessantes e reflexivas, como afirma Circe Bittencourt:

Introduzir imagens cinematográficas como material didático no ensino de História não é novidade. Jonathas Serrano, professor do colégio Pedro II e conhecido autor de livros didáticos, procurava desde 1912 incentivar seus colegas a recorrer a filmes de ficção ou documentários para facilitar o aprendizado da disciplina. Segundo esse educador, os professores teriam condições, pelos filmes, de abandonar o tradicional método de memorização, mediante o qual os alunos se limitavam a decorar páginas de insuportável sequência de eventos. (BITTENCOURT, 2008, p. 371)

Marc Ferro⁶ ao tratar sobre o conteúdo de filmes e a análise que deve ser feita por um educador ao passar um filme aos alunos, afirma o seguinte:

Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto a História quanto a História. (LE GOFF, 1974, p. 203)

O uso de filmes como estratégia-ensino aprendizagem estimula os alunos e proporciona aulas mais interessantes e reflexivas. No entanto seu uso em sala de aula tem se revelado uma preocupação para estudiosos da educação, pois a ferramenta, em geral, não tem sido trabalhada adequadamente nas disciplinas escolares.

Vários fatores contribuem para a utilização inadequada do cinema em sala, entre eles destacamos: desrespeito à classificação etária indicativa das obras, má gestão do tempo destinado ao trabalho com filmes, comprometendo o planejamento do professor; e no caso

⁶ É um historiador nascido na França em 1924. É um dos principais nomes da 3ª geração da "Escola dos Annales". Ferro é conhecido por ter sido o pioneiro, no universo historiográfico, a teorizar e aplicar o estudo da chamada relação cinema-história. Como acadêmico, foi co-diretor da revista *Les Annales* (*Économies, Sociétés, Civilisations*), ensinou na *l'École polytechnique*, foi diretor de estudos na IMSECO (*Institut du Monde Soviétique et de l'Europe Central e Oriental*), membro do Comitê de redação do *Cahiers du monde russe et soviétique* e professor visitante nos EUA, Canadá, Rússia e Brasil

particular das aulas de história, a apresentação do filme como sendo um retrato da “verdade”, “foi assim que aconteceu”.

Diante disso, deparamos com as seguintes perguntas: como trabalhar adequadamente com o cinema em sala de aula? Como utilizar o cinema como objetivo de problematizar o conhecimento histórico e apresentar diferentes visões historiográficas? Como estabelecer relações entre o conteúdo trabalhado e a representação cinematográfica?

Antes de passar o filme em sala com os alunos, é necessário que o professor assista o filme antes dos alunos e busque informações sobre o enredo, o ano que foi lançado, o elenco, curiosidades sobre a produção, o período histórico focado na obra e as críticas que recebeu. O professor não pode simplesmente reproduzir o filme em sala de aula e não convocar os alunos para discussão com o conteúdo. Ele deve preparar o material para os alunos, sempre com a preocupação de relacionar o filme com o assunto trabalhado em sala de aula.

Quando se relaciona cinema e sala de aula, há de se ter em mente que um filme de qualquer gênero, ano ou nacionalidade, nunca apresenta uma “verdade” histórica, e sim uma representação histórica, embasada em estudos sobre uma determinada época. Esse esclarecimento é válido, pois é comum os diretores ou produtores cinematográficos afirmarem que o filme é muito fiel à história ou que procurou uma adequação perfeita aos escritos históricos. Afirmações como essa são perigosas e falsas, pois, ainda que um filme tente representar um determinado contexto histórico com a maior fidelidade possível, ele não poderá se libertar da influência do tempo presente à sua produção, trazendo as marcas da tecnologia, de seus ideais, culturais e comportamentais desse tempo.

4. A PRESENÇA E O USO DO CINEMA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

4.1 RESULTADOS

Após a seleção e, posteriormente à leitura criteriosa dos artigos, foram selecionados 06 artigos que efetivamente estão de acordo com os critérios de inclusão deste estudo, a seguir tem-se uma tabela descrevendo: os autores/ ano, objetivos, metodologia e resultados obtidos. Os artigos encontram-se descritos na ordem decrescente de ano de publicação:

Tabela 1: Descrição dos artigos selecionados

Autor/ Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
Santos (2018)	Promover uma reflexão sobre as potencialidades do uso do cinema em sala de aula, sobretudo no campo do ensino de História, apontando também para as questões problemáticas concernentes com esse instrumento pedagógico.	Análises teóricas e conceituais sobre o tema	O estabelecimento de diferentes fontes de pesquisa e análise histórica são imprescindíveis não apenas para os historiadores que se dedicam ao campo investigativo, mas também para aqueles que se dedicam ao campo da docência.
Toller e Martino (2016)	Apresentar possibilidades e ferramentas capazes de melhorar a compreensão dos alunos quanto aos temas e abordagens históricas trabalhadas em sala de aula	Relato de experiência	Foi concluir que é possível trabalhar com o filme em todas as faixas etárias e com todos os conteúdos programáticos, inclusive de forma transversal e interdisciplinar.
Kleine (2016)	Analisar sobre a relação entre cinema, história e ensino de história e a reflexão sobre a forma como o cinema tem sido	Pesquisa qualitativa - Entrevista	A partir das relações entre cinema e história, esta proposta pretende contribuir para que estudantes da

	utilizado como recurso pelos professores de história.		educação básica reflitam sobre o caráter móvel da cultura e das diferentes religiões.
Lopes (2015)	Analisar o uso do cinema nas aulas de história do ensino médio, em uma escola particular de Brasília	Pesquisa qualitativa aplicados um questionário, seguido de entrevista, para um educador, que leciona no Ensino Médio.	Todo filme é uma produção humana e como tal, pode e deve ser compreendido enquanto tecnologia de apoio, fonte e representação histórica, instrumento para o ensino e agente histórico.
Beli (2016)	Discutir o cinema como recurso metodológico no processo de ensino aprendizagem, apresenta uma proposta teórico-metodológica voltada para o professor com indicações de como usar filmes, na disciplina de História	Cunho qualitativo, envolvendo uma pesquisa-ação acerca da própria prática educativa docente através de 08 oficinas.	Percebeu-se que a partir das histórias narradas pelos filmes, os estudantes puderam refletir e contextualizar acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Dessa forma, o cinema pode ser uma ferramenta importante no sentido de auxiliar o professor na construção do conhecimento em sala de aula.
Pereira e Silva (2014)	Analisar a utilização do cinema em sala de aula	Pesquisa qualitativa	Saber analisar criticamente o filme visto em sala de aula contribui para que os discentes treinem seu olhar para os que vierem a assistir em casa ou no cinema. Essa preparação para decodificar as intenções, os objetivos e as

			<p>entrelinhas existentes em cada filme acaba por potencializar o repertório de conhecimentos, conquistados pelos alunos, dentro e fora dos muros da escola.</p>
--	--	--	--

4.2 DISCUSSÃO

4.2.1 Práticas Pedagógicas no Ensino de História

De acordo com Santos (2018) observa-se que desde o início do século XX, com as expressivas mudanças na forma de se fazer uma análise histórica e a construção historiográfica do meio social, advindas, sobretudo, após as formulações da Escola dos Annales. Nesta perspectiva, não apenas no campo teórico ou de pesquisa empírica, mas também na área do ensino de História, novas fontes e recursos passaram a ser considerados como qualificados.

Ressaltam Toller e Martino (2016) que com o advento da televisão, do computador, da internet, das atividades pedagógicas lúdicas, do “DVD” e de outros instrumentos tecnológicos como parte do cotidiano do aluno, de certa forma obriga o professor, especialmente o de História, a utilizar todos esses recursos tecnológicos, com o intuito de despertar o interesse e melhorar o aprendizado sobre determinado fato histórico, possibilitando inclusive o acesso a outras fontes históricas que vão além do livro didático, textos históricos, arte e fotografia.

Acrescenta Kleine (2016) que a aprendizagem significativa em história é a instrumentalização que permite aos alunos desnaturalizar seus olhares sobre o mundo que os cerca e que também lhes possibilita perceber que as situações do presente em que vivem têm raízes no passado – em alguns casos, num passado remoto; noutros, num passado mais próximo.

Lopes (2015) ressalta que a realidade de muitas escolas brasileiras evidencia que as mesmas não são capazes de acompanhar os avanços tecnológicos da sociedade. Portanto, fatores educacionais mais amplos, como a falta de estrutura escolar, a desvalorização da escola por parte do Estado e da sociedade, entre outros, não podem ser negligenciados e, possivelmente, nos ajudarão a compreender melhor a situação dos docentes, isto é, se estes não têm tempo, recursos suficientes, incentivo do Estado nos cursos de formação continuada e/ou motivação para se atualizar.

Beli (2016) pontua que ensinar História, é dar possibilidades para o educando ser participativo do processo de construção do conhecimento histórico, sendo uma das principais características da aprendizagem histórica é a busca pela formação da consciência histórica, buscando as bases na narrativa histórica, que constroem uma orientação entre passado e presente.

4.2.2 O cinema como suporte no Ensino de História

De acordo com Santos (2018) no campo do ensino de História, muito se tem falado em despertar o senso crítico e a capacidade investigativa e de questionamento dos alunos. Por conta disso, se vislumbram o uso de recursos variados para esse objetivo, como o uso de fontes primárias, entrevistas, saídas e viagens de estudo. Na esteira deste processo, o cinema pode assumir um papel de destaque, deixando seu papel simplório e meramente ilustrativo. O importante é que o uso do mesmo tenha um objetivo primordial voltado para a formação educacional, crítica e cidadã dos sujeitos envolvidos.

Conforme apontam Toller e Martino (2016) O cinema, como proposta educativa, pode trazer vários benefícios para os educandos, quanto para o professor em seu desenvolvimento profissional. Podemos destacar alguns desses benefícios, tais como: aproximar os conteúdos escolares do aluno por ser um recurso lúdico dando-lhe uma visão mais ampla de mundo; desenvolver a imaginação; abrir espaços para debates e comparações com o que foi dito em aula; facilitar a compreensão de temáticas que por vezes podem ser bastante complicadas de se trabalhar em sala de aula. Sem dúvida, o cinema ajudará o educador no seu modo de organização do ensino, de mediar o conhecimento e a aprendizagem.

Ensina Kleine (2016) que o uso do cinema nas aulas de história, associado a outras fontes, pode ser um recurso que possibilita o exercício de se pensar historicamente, procurando identificar a origem do discurso que o filme apresenta e a forma como diferentes personagens, culturas e grupos sociais são representados, produzindo o efeito de acabar com a naturalização das diferenças e podendo perceber que o passado apresentado no cinema – ou

em programas de televisão, jogos, noticiários – é uma leitura possível desse passado. E que outras também podem ser feitas ao dar voz a outros grupos ou a personagens que foram silenciados ou obscurecidos.

Lopes (2015) coloca que para realizar suas aulas com o cinema, o professor não precisa se tornar um crítico profissional, mas ter consciência de que ao se apropriar dos elementos que compõe a linguagem cinematográfica, poderá melhor utilizar o documento dando a compreender que não somente o que da história está sendo contado é relevante, mas a forma como é contada também.

Segundo Beli (2016) o cinema facilita na formação histórica, apresentando-se como função didática, desenvolvendo as capacidades de analisar e interpretar as fontes de natureza diversas, o uso de diferentes documentos históricos deve permear a prática do professor em sala de aula, criando problematizações com vista a estabelecer relações com o passado e o presente sobre a ótica de um olhar crítico.

Contudo, é importante destacar que os filmes revelam sobre épocas, apresentam um valor histórico e podem ser utilizados como um documento para um determinado tempo, pois grande parte dos acervos filmográficos estão relacionados com os conteúdos previstos para a disciplina de História. Nesse sentido, é preciso ter cautela para que a obra cinematográfica não seja utilizada como uma verdade absoluta e sim buscar na obra uma interpretação histórica através dos elementos do filme.

Para Pereira e Silva (2014) através do cinema é possível aprender História, e esse processo de cognição serve para interpretar a ação humana em tempos e lugares diferentes. Essas experiências impregnadas de tensões, rupturas e permanências modificam o modo como os sujeitos pensam de si mesmos, dos outros e do mundo em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que todo filme, independente do gênero, pode e deve ser utilizado como fonte documental, porque existem diversas possibilidades na relação cinema-história. Seja pelas representações culturais no que se refere a determinada conjuntura história, seja pela análise da sociedade em que este foi produzido. Assim por ser uma produção do ser humano, todo filme pode e deve ser compreendido enquanto tecnologia de apoio, fonte e representação histórica, instrumento para o ensino e agente histórico.

Nesse sentido, é fundamental que seja promovida a disseminação do conhecimento historiográfico através do uso consciente e metodológico das narrativas cinematográficas, o que irá colaborar de forma significativa para construir uma nova relação de ensino e aprendizagem em História. Trata-se de uma rica oportunidade de tornar as aulas de História um momento único de debates e aprendizado mútuo, além de contribuir para fomentar a criticidade dos alunos.

É colaborar para uma melhor compreensão dos discentes em relação à historicidade da vida social, política, econômica e cultural; e da relevância do estudo da disciplina para a orientação da vida prática.

Estabelecer diversas fontes de pesquisa e de análise histórica são indispensáveis para que os historiadores possam se dedicar ao campo investigativo, além disso é um importante para aqueles que se encontram no campo da docência.

Igualmente, o cinema, por ser produto de um meio sociocultural, é possível de ser analisado criticamente, conduzindo os alunos a compreenderem com um maior aprofundamento não somente os códigos aparentes na produção cinematográfica, mas também o processo de edificação de sentidos e perspectivas de mundo, de representações sociais, de argumentos e discursos sobre o passado, o presente e o futuro.

Nesse intento, é possível alcançar frutos expressivos, principalmente no âmbito da educação, nos seus diferentes níveis, da Educação Básica ao Ensino Superior. Assim, a análise crítica de um filme visto em sala de aula colabora para que os alunos consigam treinar seu olhar quando ao assistirem alguma outra produção do cinema. Essa preparação para decodificar as entrelinhas existentes em cada filme potencializa o repertório de conhecimentos, adquiridos pelos alunos, dentro e fora da escola. Mas para que isso seja exequível, é fundamental que o olhar do docente funcione como mediador dessas experiências, gerando a ponderação crítica ao conhecimento adquirido através do cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marta; SOIHET, Rachel (Orgs). **Ensino de história, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BILHARINHO, Guido. **O cinema brasileiro nos anos 80**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 2002.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.
- FENELON, Ribeiro Déa. **A formação do profissional de história e a realidade do ensino**. Tempos históricos, volume 12 – 1º semestre - 2008, p. 23-35.
- FERREIRA, Jorge; SOARES, Mariza de Carvalho (Orgs.). **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História: novos objetos**, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora: tradução de Terezinha Marinho, revisão técnica de Gadiel Perruel. Rio de Janeiro, F. Alves. 1974.
- MEDEIROS, Daniel Hortêncio de. **A formação da consciência histórica como objetivo do ensino da história no ensino médio: o lugar do material didático**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-36.

INTERNET

<https://uspdigital.usp.br/tycho/CurriculoLattesMostrar?codpub=57A0B77BAA85>

INTERNET

https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Chesneaux

INTERNET

<http://www.dn.pt/artes/interior/morreu-o-filosofo-tzvetan-todorov-5653782.html>

INTERNET

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Piaget

INTERNET

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marc_Ferro

INTERNET

<http://grupoautentica.com.br/autentica/autor/eduardo-franca-paiva/51>